

“colagem de esperas”

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2020.7.2.218-229>

Rubens Venâncio ¹

Resumo: Esse ensaio é um relato de experiência da produção “colagem de esperas”, no caso, uma inquietação visual materializada por meio da projeção em espaços da minha residência de fotografias de outras pessoas enviadas a mim e depois registradas fotograficamente. Durante duas semanas do mês de julho pedi para alguns amigo(a)s imagens do seu dia a dia e um breve relato delas que foram feitas em meio ao período de isolamento social no Brasil em 2020, ocasionado pela Covid-19. De ordem coletiva, essa inquietação foi pautada por incômodos compartilhados e pelos questionamentos de como re-ambientar essas imagens e ambientar ausências, de estabelecer encontros, de encenar presenças, de ser habitado com a imagem do(a) outro(a), do fazer da casa corpo. O ensaio traz a sintaxe dessa experiência por meio de imagens e uma escrita ensaística, onde as discussões orbitam em torno da noção de encontro como uma chave para refletir sobre as formas da presença durante o isolamento social.

Palavras-chave: Fotografia; Projeção; Espera; Encontro; Presença

“collage of waits”

Abstract: This essay is an experience report of the production “collage of waits”, in this case, a visual restlessness materialized through the projection in spaces of my residence of photographs of other people sent to me and then photographically recorded. During two weeks of July, I asked some friends for images of their daily lives and a brief report of them that were made during the period of social isolation in Brazil in 2020, caused by Covid-19. Of a collective nature, this restlessness was guided by shared discomforts and questions about how to re-set these images and set up absences, to establish meetings, to stage presences, to be inhabited with the image of the other, to do of the body a house. The essay brings the syntax of this experience through images and essay writing, where discussions orbit around the notion of encounter as a key to reflect on the forms of presence during social isolation.

Keywords: Photography; Projection; Waiting; Meeting; Presence

¹ Fotógrafo, pesquisador, professor do curso de Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri – URCA e doutor em Artes pela UFMG. Dedicado à realização de trabalhos autorais voltados para as manifestações poéticas da memória por meio da imagem, principalmente a fotografia, exploração de arquivos, ruínas, narrativas orais, ancestralidade, álbum de família. Atua na realização de eventos, curadoria e ações de formação. Participação em vários festivais e exposições no Brasil. Coordena o grupo “uaná - fotografia, pesquisa, poéticas” (CNPq – URCA). <http://orcid.org/0000-0001-9607-9603>. <http://lattes.cnpq.br/9344004074720141>. rubens.venancio@urca.br

“collage de esperas”

Resumen: Este ensayo es un relato de experiencia de la producción “collage de esperas”, en este caso, una inquietud visual materializada a través de la proyección en espacios de mi residencia de fotografías de otras personas que me enviaron y después grabadas fotográficamente. Durante dos semanas de julio, pedí a algunos amigos imágenes de su vida cotidiana y un breve relato de ellos que se hicieron durante el período de aislamiento social en Brasil en 2020, provocado por Covid-19. De orden colectiva, esta * inquietud* estuvo guiada por malestares compartidos y preguntas sobre cómo reasentar estas imágenes y asentar ausencias, de establecer encuentros, de escenificar presencias, de estar habitado con la imagen del otro, de hacer de la casa el cuerpo. El ensayo trae la sintaxis de esta experiencia a través de imágenes y redacción de ensayos, donde las discusiones giran en torno a de la noción de encuentro como clave para reflexionar sobre las formas de presencia durante el aislamiento social.

Palabras llave: Fotografía; Proyección; Espere; Encuentro; Presencia

Da casa, espera: apontamentos sobre o processo

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrame ensablados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. (CAMPOS, 2004, p. 7).

Espera: “demora”, “antiga peça de artilharia”, “grau de prontidão operacional nas forças aéreas que antecede o estado de alerta”, “período em que se espera por algo ou alguém”, “cilada”. A espera durante a pandemia foi algo que, se não ganhou definições novas, abraçou ou foi abraçado por outros significados. Significados que sobressaíram da existência vocabular e mexeram com as pessoas, estão em suas mentes e, principalmente, chegaram a seus corpos sob a forma de efeitos diversos: a euforia, a estagnação, impaciência, raiva, espera, teimosia, embriaguez, saudade, abstinência, ansiedade, cansaço, excitação, sonolência, insônia – sim, parece um glossário das existências na sociedade ocidental no século XXI, mas elevado à patamares mais intensos no ano de 2020.

Colagem: “composição feita de elementos diversos”, “fazer aderir dois materiais ou superfícies”, “substantivo feminino” – assim dicionarizados. É uma prática que permeia o campo artístico, de quem mistura, justapõe ou sobrepõe fragmentos de diferentes proveniências. Os materiais coláveis são infinitos quando movidos pelo imaginar: papel, tecido, pedra, madeiras, coisas industriais, cheiros, artesanais, vozes, imagens, sons, inventados, objetos de toda ordem e sorte. Artistas, crianças, professore(a)s são algumas pessoas que se valem desses procedimentos em espaços e em épocas diferentes, indo de vanguardas artísticas à experimentações em casa, de cubistas aos colagistas.

“colagem de esperas” é uma inquietação visual materializada por meio da projeção, em espaços da minha casa, de fotografias de outras pessoas enviadas a mim e depois registradas fotográficamente. Durante duas semanas do mês de julho pedi para alguns amigo(a)s imagens do seu cotidiano que foram feitas em meio ao período de isolamento social no Brasil em 2020, ocasionado pela Covid-19, e a partir do envio e de uma breve descrição das imagens, eu as projetei.

De ordem coletiva, essa inquietação foi pautada por incômodos compartilhados entre meus amigo(a)s e eu e nesse ínterim parto da vontade da re-ambientar essas imagens e ambientar ausências (minhas e do(a)s outro(a)s), de estabelecer encontros, de encenar presenças, de ser habitado com a imagem do(a) outro(a), da fazer da casa corpo. O ensaio traz a sintaxe dessa experiência por meio de imagens e uma escrita ensaística, onde as discussões orbitam em torno da ideia de encontro e relação como chaves para refletir sobre as formas da presença durante o isolamento social.

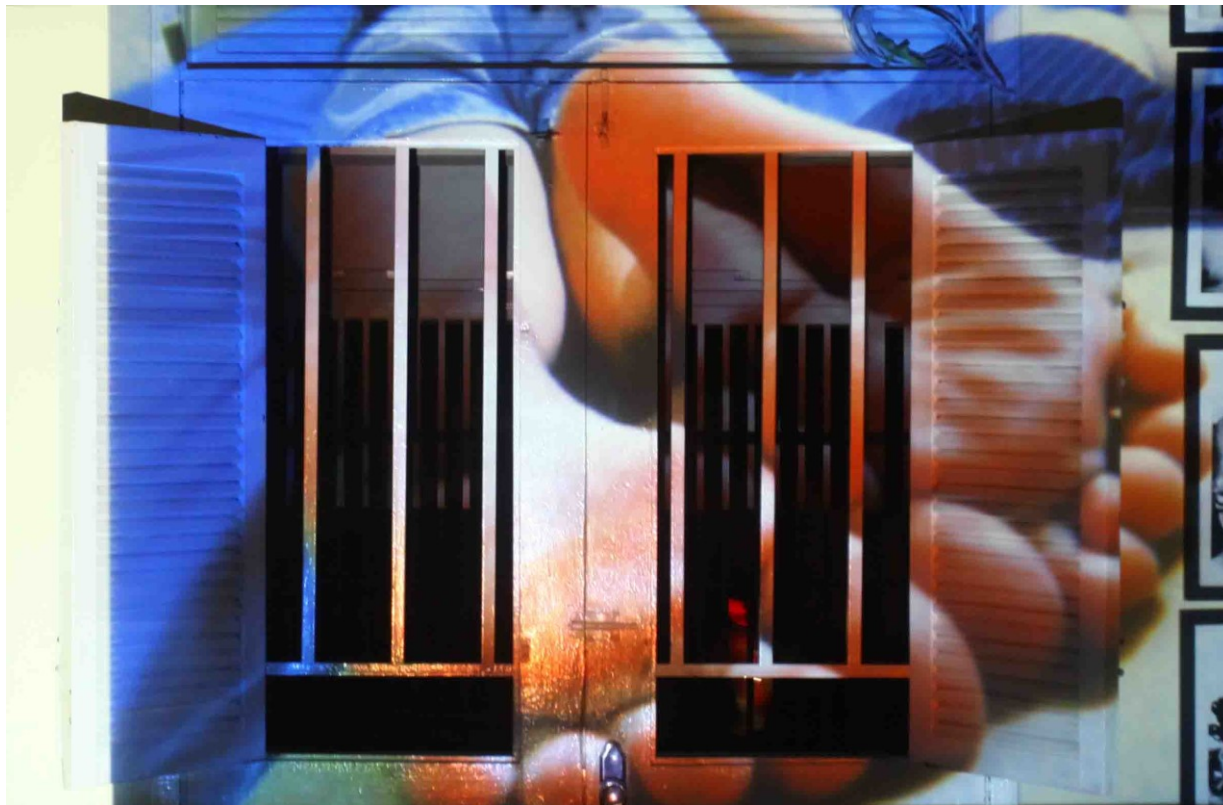


Figura 1: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

Esse trabalho é composto, principalmente, pelos registros fotográficos, mas os vestígios do processo de criação, como os *prints* das conversas de WhatsApp e e-mail e mensagens de áudio, foram incorporados na medida em que o aspecto relacional que provocou a proposta também impulsionou sua realização – ou seja, a relação com o outro(a) funda o trabalho e atravessa o processo de criação sendo sua principal característica.

Parte das palavras que aqui estão saíram da escuta das mensagens de áudio e leitura de textos trocadas com amigo(a)s, de suas impressões e dúvidas – essa foi a forma de conjugar minhas esperas nesse estranho cotidiano que temporariamente vivemos. As conversas que tive com ele(a)s sobre como estavam, o que faziam, sobre as dificuldades do dia a dia iam se configurando como guias na condução do trabalho, como se fossem vestígios que iam sendo conectados. Aqui escrevo entre agosto e setembro de 2020: encerrei um dos ciclos desse projeto ao mesmo tempo em que seu processo envolverá o retorno das imagens de forma impressa às casas da(o)s participantes e seu respectivo registro, podendo ou não desencadear outro ciclo – a entrega das fotografias irá ocorrer após o período de vacinação.



Figura 2: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

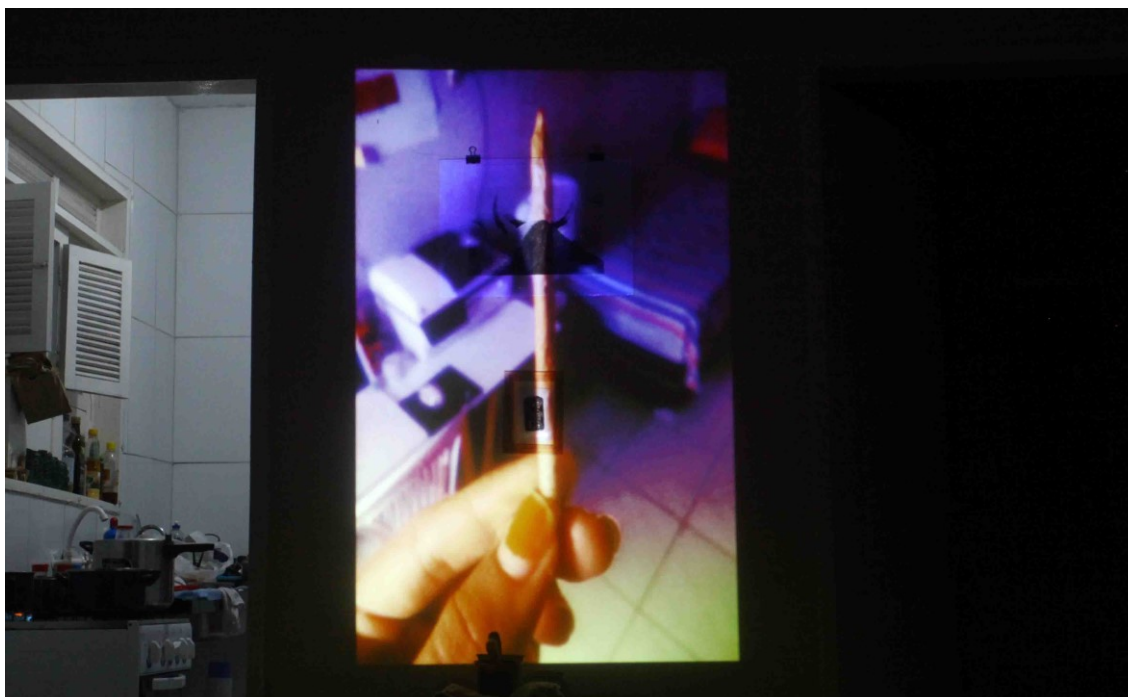


Figura 3: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

Nesse processo a casa ocupa uma centralidade que vai da recriação das imagens aos sentidos que perpassam “colagem de esperas”, ela surge como local de projeção (o tornar-se corpo nesse trabalho) onde a espera é escutada, observada e interpretada; como o lugar que abriga a espera; e como figura poética que transcende a edificação e dá lugar às existências do gesto artístico, sendo

tão personagem quanto as pessoas que a habitam – como na narrativa fantasiosa de Campos (2004) que concebe uma casa sertaneja como narradora de sua trama.

Da casa, corpo: habitando a casa

Nessa imersão, como pensar a relação eu/outro(a)? Que encontros surgem dessa interação não-presencial? Se a visualidade do trabalho prescinde dessa interação, como as existências da imagem forjam outras presenças? Como fazer da casa corpo? Sigo com esses questionamentos e na tentativa de entrelaçar fotografia, presença e encontro .

Imagem, texto e escuta. Os procedimentos de criação de “colagem de esperas”, bem como sua experiência giraram em torno dessas três instâncias que me levaram a seguinte organização: da escrita desse relato de experiência, da produção das fotografias e da escuta como uma importante ferramenta no processo do trabalho.

Primeiro, durante algumas noites, percorri a casa investigando-a com a projeção das fotografias em seus espaços e sem fotografar fui sentindo como a imagem se delineava em cada cômodo, em cada cantinho, corredor, fresta, objeto, observando os volumes que se formavam e as luzes que ora vazavam pelo corredor, ora descobriam detalhes não percebidos. Assim, fui ocupando a casa dando corpo às imagens projetadas em janelas, quinas, portas e também em lugares da vizinhança que estavam além dos muros – em uma dessas noites era dia de lua cheia. Dessa forma descobri a casa e seu potencial em encenar presenças.

Após esse exercício de percepção da imagem na casa, ou casa-imagem, segui com a etapa do registro das projeções, nesse momento em que fotografava tinha em mente os nortes do projeto e todos os materiais das relações não presenciais: escutava os áudios de WhatsApp, fazia ligações para as pessoas envolvidas como forma de manter a conexão com as questões que me impulsionavam, levando o registro a ser performado por essas relações, por essa sonoridade – não deixa de ser uma casa percebida pela escuta.

Em uma escuta atenta, porque“(…) escutar é aguçar o ouvido” (NANCY, 2014, p. 16), misturei as ligações com o ato de fotografar, onde muitas vezes o que/como era fotografado foi estimulado pelas informações que eu obtinha do(a)s participantes. O que eu olhava nesse momento, o que me vinha à mente? Dele(a)s surgiam dúvidas, curiosidades (alguns pediam para enviar uma imagem do que tava acontecendo, em qual parte da casa eu estava), sugestões (de tentar em outros lugares). Independente de como essas informações influenciaria na produção, mais me interessava estabelecê-la, observar o que acontecia, sentir como esse tipo de interação funcionava de diversas formas. Dessa maneira, a escuta também era projetada.

O meu deslocamento pela casa representou a forma como eu sentia essa escuta e também a condução da imaginação pelos detalhes, a descoberta pelo eu/presente da casa pelo outro/ausente: as quinas que sobressaíam, as janelas que se avolumavam, as telhas ao engrandecer detalhes e texturas, os slides suspensos a simular uma projeção, a vontade do mar na procura por água, em fazer da casa cinema, da toalha tremulando com o vento como uma janela para a saudade de uma família distante. Ventos do sertão cearense que também se despediam, como um aviso da sua escassez a partir do mês de setembro, mês em que a folhagem volta a esperar as chuvas de janeiro para voltar ao verde típico das caatingas do cariri cearense – e de outros sertões.

A escrita aqui presente faz referência a um processo de criação pelo acúmulo de ideias, materiais e formas de escrever distintas que até hoje sou tributário: de conectar informações soltas, rabiscos nas paredes, anotações desconexas em borrões, uma frase de filme que impactou – informações que se

tornaram ideias na medida em que foram iluminando outras referências, conceitos e autore(a)s lidos anteriormente. O ato de escrever, de redigir pelo acúmulo traz em seu seio as intensidades de cada etapa de execução do trabalho, cada ordenamento de ideias é a ligação com algum momento da projeção, da escuta ou da percepção do espaço, é como se o fluxo textual seguisse os percursos que realizei na casa – poderia falar do texto enquanto caminhada?

Ainda nesse relato de experiência houve uma simbiose de caderno de notas, diário de campo e caderno de criação. Essas escritas foram se enlaçando quando cada detalhe do acúmulo ganha corpo no ato de redigir, como uma redação do acúmulo que não deixa de ser uma escrita das esperas em uma caligrafia que inscreve no movimento da letra as características do trabalho. Por que não pensar que as imagens projetadas são palavras sendo escritas pelos cômodos em busca de uma forma, entre vãos e rebocos desgastados, sendo grafadas em folhas da vegetação doméstica.

Ao pensar as práticas desse trabalho por meio de algumas formulações da estética relacional (BOURRIAUD, 2009a), a interação por mim estabelecida com as pessoas foi entendida como um mote para tencionar determinado tipo de presença, onde destaco as relações entre a obra, o público e o artista no gesto artístico, bem como o entendimento de público como participante da ação e não apenas espectador. Para o autor, ao considerar as manifestações artísticas, a arte é vista como uma forma de estar no mundo e como campo de troca, fazendo da subjetividade que desponta dessas manifestações um de seus principais destaques – tanto relacionados à obra e aos contextos culturais, como as relações entre os indivíduos.

É válido lembrar que, no escopo das formulações do autor, o contexto da internet é um importante parâmetro onde o(a)s artistas pensam modelos de “socialidade” e “sensibilidade coletiva” (BOURRIAUD, 2009a) e a rede figura como possibilidade de experimentação no trabalho artístico – tais reflexões se ampliaram quando o teórico também considerou “(...) as formas de saber geradas pelo surgimento da rede” (BOURRIAUD, p. 8, 2009b).

Promover a imersão do público e/ou indivíduo em propostas artísticas não presenciais é uma prática antiga, por exemplo, das performances ou peças de teatro que solicitem a participação do espectador utilizando a virtualidade como material no processo de criação: seja para propor a ausência como tema ou percepção; estimular uma sensação; gerar um estímulo visual a partir do tipo de ausência proposta; simular sensações para serem acreditadas, experimentadas e vividas propositadamente como simulação. Em meu caso, as relações não presenciais com as pessoas ocorrem antes e durante a realização do trabalho por meio de ligações que não foram previamente comunicadas.

Porém, considero esses três aspectos. Que uma coisa é a possibilidade de as obras terem outras configurações de existência quando a internet é uma ferramenta para sua produção, outra é a existência de manifestações artísticas onde a rede é a única possibilidade, única tanto no sentido de seu uso no envolvimento do espectador na obra, como na sua divulgação. E quando me refiro à rede aproveito para destacar outros instrumentos para a interação não presencial, como as ligações telefônicas.

Segundo, as presenças estabelecidas, sejam elas quais forem, interferem na percepção dos espaços, nas relações, na quantidade de informações trocadas (voz, cheiros, posturas, gostos – sendo essas expressões conscientes ou não), nos dispositivos envolvidos na mediação; e, por fim, sem a presença física há uma perda de informações (contextos existenciais) que podem igualmente determinar essas expressões.

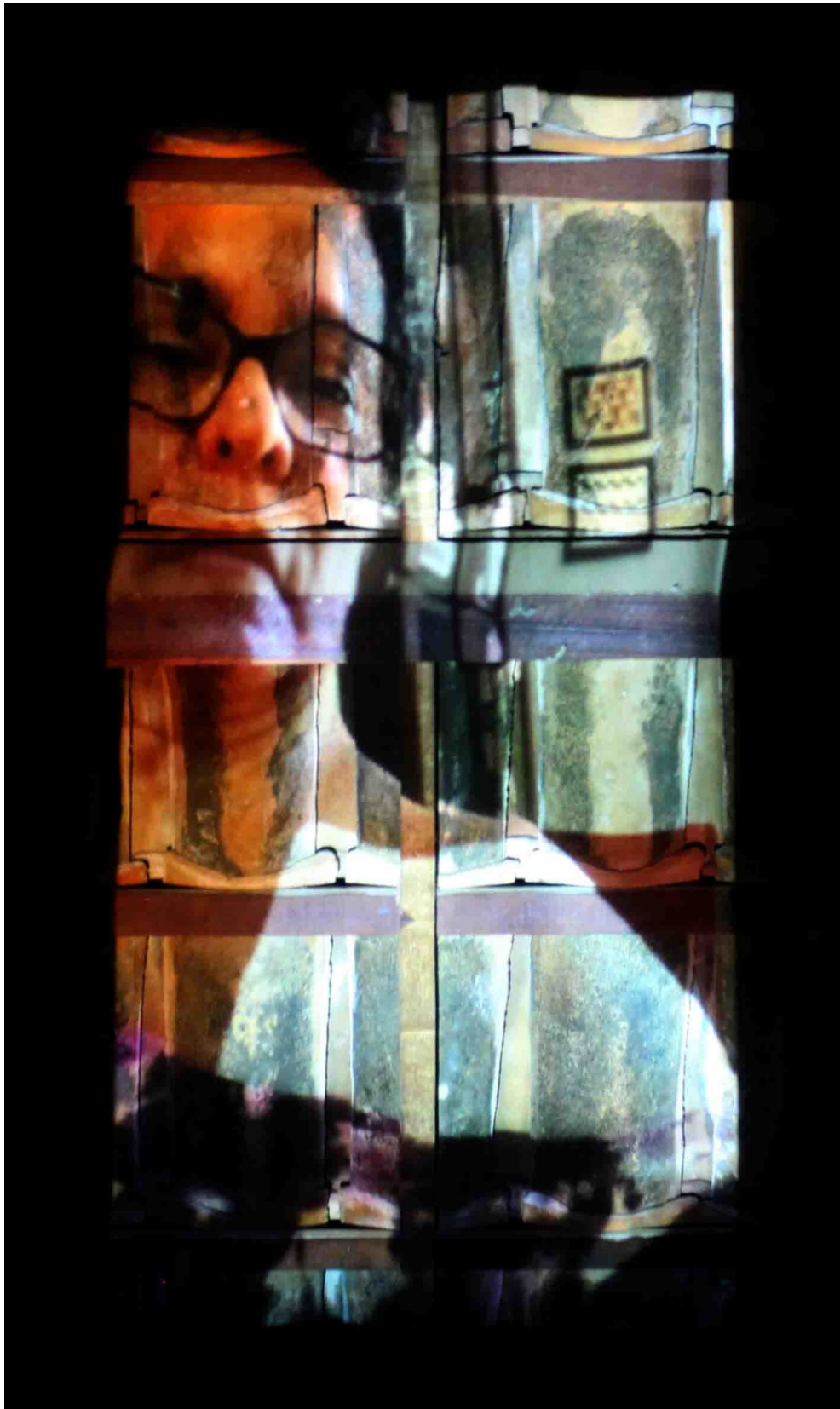


Figura 4: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

Iniciei esse tópico falando sobre as instâncias do processo de criação e encerro fazendo uma reflexão sobre o registro fotográfico como parte da experiência visual empreendida. Os registros movimentaram o estatuto da relação espectador/artista quando esse tipo de relação se pautou pelo encontro gerado pela imagem e pela encenação da presença, tanto no que diz respeito às subjetivas envolvidas, a re-ambientação das fotografias e as situações criadas para e pela imagem – esse tipo de relação está em todo o processo como uma energia circular retroalimentada em cada percurso realizado na casa, em cada silêncio na madrugada, pela vontade de estar junto.

Levando em consideração as formulações desse importante trabalho sobre o registro de imagens no contexto da arte (COSTA, 2009), destaco três pontos sobre a questão do registro, vide: o viés do dispositivo onde a máquina digital criou um acontecimento visual; o viés da ação (pensada para o registro, ou seja, a projeção se dá para a fotografia); e o valor de registro (com os sentidos construídos a partir da experimentação do visível).

O registro tem a ver não só com a visualização de algo, mas com uma visualidade no sentido de que os registros das projeções são registros dos percursos, da passagem das pessoas pelo isolamento, dos conceitos, do encontro, do deixar a imagem habitar – “(...) pode o registro ser pensado para além da simples documentação que ele efetiva na ordem simbólica?” (COSTA, 2009, p. 31). Assim, ele não é um mimetismo do lugar, mas do gesto de fazer existir um espaço para essas subjetividades passageiras em ressonâncias no vazio de cada casa: ocupação efêmera da minha casa com esperas transformadas em imagem.

Penso posteriormente se com o retorno das imagens a todos o(a)s envolvido(a)s irei proporcionar outro deslocamento para as esperas: serão outras ou as mesmas esperas? Como o encontro pode estar movimento? Que espaço ganharão as fotografias ao retornarem às suas casas? O registro é o prolongamento da casa, sendo outra dimensão do evento. Nessa passagem, Costa expande o espectro de análise:

Trata-se não do registro como duplo de algo, mas da imagem como ato de produzir uma equivalência num complexo jogo de relações entre o visível e o invisível, entre presença e ausência, e entre o visível e a linguagem, inscrevendo-se, assim, na longa trajetória da reprodução da obra de arte marcada por transformações decorrentes dos meios de produção, de objetivos e de inserções no campo da arte. (2009, p. 13)

Acredito que nessa poética do encontro inscrita no registro há um tipo de experiência da presença por esta movimentar a sensação de imersão tanto em mim ao habitar minha casa em uma postura de estranhar um espaço familiar, e do(a)s envolvido(a)s que por outros meios são levadas para essa narrativa – sem máscara, protetor e álcool em gel. Experiência peculiar, que não ensaiou substituir as interações presenciais, e ao mesmo tempo nos faz pensar os significados de estar fora ou dentro de casa hoje, no impacto das formas de convívio (a ameaça da contaminação, o medo de estar próximo de alguém na fila do banco etc).

Da casa, encontro: ou sobre novas esperas

Por meio da poética do encontro me propus a refletir sobre a pandemia através de “colagem de esperas”, com práticas que misturaram intervenção no espaço, projeção, histórias pessoais e contextos sociais. Poética que significou a conjugação da escuta, texto e imagens a partir dos ausentes em presença e das descobertas durante os percursos de ocupação dos espaços. Um encontro que assumiu as formas dessa experiência artística, bem como um tipo de presença

configurada na interação pelo encontro, a sós – “A vida é, assim, feita a golpes de pequenas solidões”, diria Barthes (1984, p.11).

Nessa mesma obra, Barthes discorreu sobre a relação entre nós e a imagem e o seu impacto em nossas vidas, essas ideias convergem para a formulação da “tique” como sendo o real, a ocasião e o encontro (1984, p. 13). Como uma atenção para o olhar e como olhamos, esses pontos para mim foram guias na investigação visual: do real como uma postura diante dos acontecimentos, podendo ela ser uma trama entre o cotidiano e suas encenações; do que fazemos quando as descobertas configuram as ocasiões; e do encontro como base para novos e outros olhares sobre as experiências visuais.

Outro pensamento importante que destaco nessa experiência de imagem é o de Didi-Huberman ao conceituar o procedimento da “montagem” como uma indissociabilidade entre as imagens o conhecimento histórico, a compreensão das imagens a partir do seu conjunto de imagens e de que elas são incompletas, não dando a ver tudo: “É preciso objectar a esta brutalidade conceptual que a imagem não é nem *nada*, nem *uma*, nem *toda*, precisamente porque ela oferece singularidades múltiplas, susceptíveis de diferenças, ou de ‘diferanças’” (2012, p. 156). A escuta, a escrita e a interação foram as singularidades que permearam as fotografias.

Portanto, o processo de criação, a ausência/presença e o encontro foram nortes desse trabalho e parâmetros para entender suas poéticas, de como elas se capilarizaram pela espacialização das imagens em minha casa, com todas as subjetividades envolvidas, em formas de presença pautadas pela inexistência de contato, repensadas pela simples impossibilidade de estar junto e forjadas pela prática artística.

“colagem de esperas” como questionamento do presente também é um exercício de recordar o futuro, configurada em todas as vontades atuais sobre o que queremos fazer: as próximas viagens, as casas que visitaremos, os abraços que pedem o(a) outro(a), as camas que desejamos, todas as saudades. Espero que nesse futuro as câmeras, celulares e internet – e as lives – sejam deixadas um pouco de lado e possamos ter outra atenção para o convívio presencial, que ele seja vivido e acionado de outras maneiras em nosso cotidiano, que cada vez menos precisemos de dispositivos tecnológicos/virtuais para validar nossas experienciais.

Independente do tipo de relação que temos com as existências virtuais, seja as que achamos viável, as que nos são impostas pelo trabalho (principalmente na iniciativa privada se consideramos o setor da educação), as mais lucrativas (o mercado do EAD cresce exponencialmente), acredito na necessidade de voltarmos às atividades que desenvolvemos de forma presencial para refletirmos melhor. Estamos há meses observando as coisas do olho do furacão, sem um cenário definido para vacinação em massa, e restabelecer a presença é indispensável para entender o lugar do presencial e do virtual. Bem como compreender o que perdemos, o que permanece e o que será resistência a partir das difíceis experiências sociais e políticas vividas e vistas sobre nosso estar no mundo. Resistências, assim no plural, porque as severas desigualdades transparecidas na quarentena deixaram ainda mais claro que seus efeitos são mais intensos em grupos historicamente excluídos e habitantes do sul global, como observou Santos (2020).



Figura 5: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

Imerso na inesperada sociedade atual que nos pegou de surpresa é que me expresse, por uma visada muito particular, ora doméstica, ora nem tanto, quase como um olhar que destaca uma particularidade do todo em busca de sobrevivências em tempos que nos impuseram imprevistas durações – “É um vírus mortal, que ataca tudo, que determina emergências desconhecidas e imprevistas de todos os pontos de vista” (NEGRI, 2020, p.2).

A casa viu tudo, foi observadora, personagem, cúmplice. Pediu paciência, ora fez vista grossa, foi palco. Viu objetos novos, moradore(a)s provisório(a)s, espaços virando outra coisa. Fazer da casa corpo, encontro, espera, foram meus anseios em uma atualidade de relações alteradas, forçadas e – muito desejo – temporárias. Foi a minha resposta repleta de interrogações. Foi a mistura de experiência de vida, criação, organização de ideias, de tornar-se corpo pela imagem em uma pedagogia visual onde aprendi – sobretudo – sobre a casa que construímos dentro da gente.



Figura 6: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

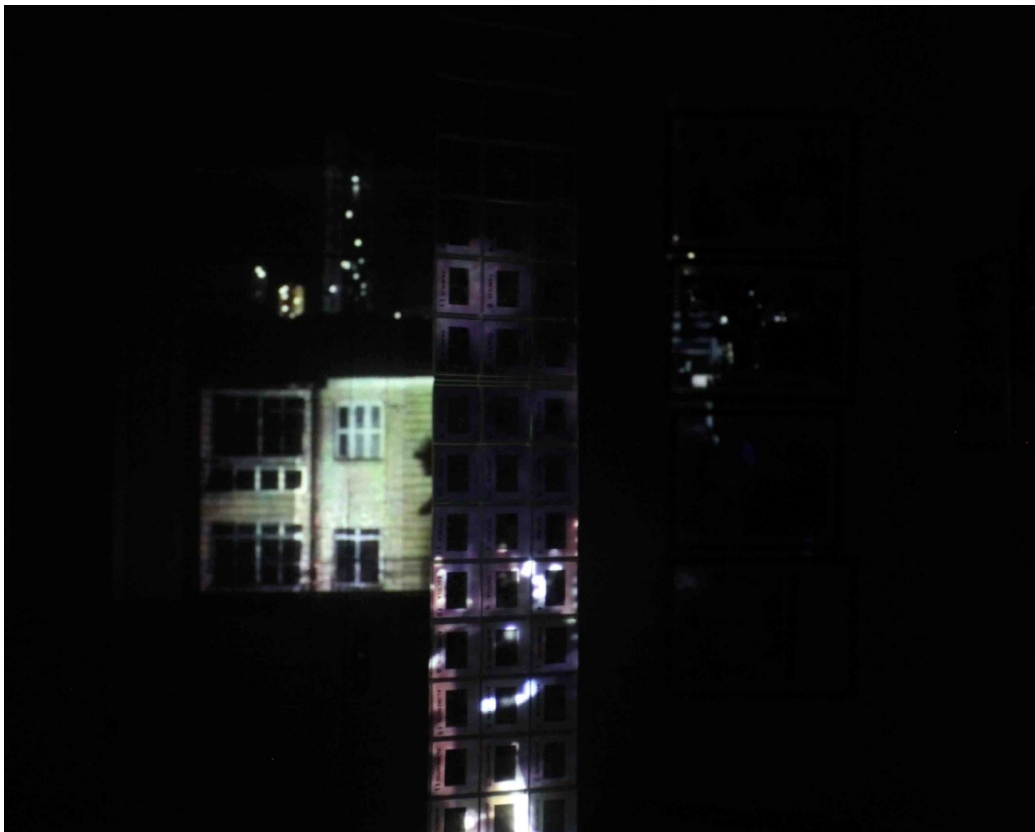


Figura 7: imagem de “colagem de esperas”. Foto: Rubens Venâncio.

Referências

- BARTHES, Roland. *A Câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009a.
- _____. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins, 2009b.
- CAMPOS, Natércia. *A casa*. Fortaleza: Editora UFCA, 2014.
- COSTA, Luiz Cláudio da (org.). *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / FAPERJ, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.
- GROTOWSKI, Jerzy. *Em Busca de um Teatro Pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- NANCY, Jean Luc. *À escuta*. Belo Horizonte: Ed.Chão da Feira, 2014.
- NEGRI, Antonio. *Coronavírus, a fase atual e o futuro*. Belo Horizonte: Ed.Chão da Feira, 2020. Disponível em <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/04/caderno-101-negri.pdf>. Acesso em 15 set 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.